



## **Diálogos em Diálogo: David Bohm, Paulo Freire e Mikhail Bakhtin**

Ana Lúcia Assunção Aragão

Almira Navarro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

### **Resumo**

Este artigo é uma sistematização do entendimento sobre diálogo, a partir da compreensão dos pensadores David Bohm, Paulo Freire e Mikhail Bakhtin. Estabelecemos um diálogo entre as suas idéias principais, a respeito do diálogo, ressaltando a sua pertinência, enquanto modo de perceber as dificuldades da atualidade, presentes em todas as formas de relacionamento e atuação humana.

Palavras-chave: Diálogo, Bohm, Freire e Bakhtin, Profissionalização

### **Abstract**

This paper is a systematization of the understanding about dialogue starting from the thinkers' understanding: David Bohm, Paulo Freire and Mikhail Bakhtin. We established a dialogue among their main ideas, regarding the dialogue, standing out its pertinence, related to the way to perceive the actual difficulties that they are present in all relationship forms and human performance.

Keywords: Dialogue, Bohm, Freire, Bakhtin, Professionalize



## Introdução

Este artigo se constitui num estudo sistematizado sobre o pensar dialógico, a partir da compreensão de diálogo dos pensadores David Bohm, Paulo Freire e Mikhail Bakhtin. Entendemos que a situação dialógica pode permitir transformações pertinentes no tocante às formas de relacionamento humano atuais, possibilitando a construção de novas maneiras de pensar, conhecer e agir. Integra as pesquisas desenvolvidas no Núcleo de Ciência e Tecnologia do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Bohm (1992, 1996), Freire (1980, 1999) e Bakhtin (1988, 1997) compartilham a tese de que a vida é a construção de um grande diálogo e que nós, seres humanos, somos seus participantes ativos.

Diante da crise global que hoje vivenciamos, entendemos que necessitamos, o quanto antes, atuarmos com maior discernimento e de forma mais perceptiva e atenta em relação às dificuldades/problemas que temos que enfrentar. Acreditamos que quanto maior for o entendimento/ciência de uma certa situação, mais poderemos agir assertivamente, evitando comportamentos incoerentes, re-significando ações, produzindo mudanças e construindo realidades diferentes.

Nesse sentido, Bohm, Freire e Bakhtin acreditam que o *tecido dialógico*, tomando a expressão de Bakhtin, atravessa/permeia tudo que existe e essa compreensão produz uma tomada de ciência acerca das dificuldades e necessidades humanas atuais. Tal consciência pode, desse modo, produzir caminhos mais criativos para a humanidade.

O diálogo, entendido por Bohm, Freire e Bakhtin, como sendo a essência humana – somos construídos dialogicamente –, sinaliza que a nossa forma de ser fragmentária, dominante na atualidade, pode estar nos distanciando dessa essência e, provocando, assim, sérias dificuldades e até ameaçando todas as formas de vida. Estamos negando, dia após dia, a nossa forma de ser dialógica e, com isso, nos destruimos cada vez mais. De uma forma geral, há um desentendimento imperante entre as pessoas – desde suas relações pessoais mais íntimas até aquelas de âmbito mais largo, como as políticas internacionais.

Apesar de Bohm, Freire e Bakhtin concordarem com a necessidade urgente das pessoas tomarem ciência da dialogicidade da vida e partilharem



diversas idéias sobre as necessidades humanas, cada um deles pensa o diálogo de perspectivas/lugares diferentes. E é este o fato – de estarem em lugares diferentes – que possibilita sentido/significado ao diálogo entre eles.

Bohm (1992) sugere que a origem do estado de crise humana atual reside basicamente no pensamento. Pensamos abstraindo somente aspectos da realidade, não a sua totalidade, e essa dificuldade/incapacidade se origina na forma como o pensamento opera. Seleccionamos certas coisas e as separamos umas das outras num processo contínuo de categorização. E, quando passamos a entender tais categorias como tendo existências próprias, começamos a descontextualizá-las e, por conseguinte, fragmentá-las. De separações úteis passam a inadequadas, caso não prestemos atenção aos limites do nosso pensamento, uma vez que, somos levados a olhar todas as coisas como se realmente fossem divididas, separadas em categorias.

Em essência, o processo de divisão é uma maneira conveniente e útil de pensar sobre as coisas. [...] Todavia, quando este modo de pensamento é aplicado de uma forma mais ampla à noção do homem a respeito de si mesmo e a respeito do mundo todo em que vive [...], então ele deixa de considerar as divisões resultantes como meramente úteis ou convenientes e começa a ver e experimentar a si próprio, e ao seu mundo, como efetivamente constituídos de fragmentos separadamente existentes (BOHM, 1992, p. 20-21).

E, nesse movimento desatento, confundimos a própria realidade com a nossa forma de entendê-la. Nesse sentido, Bohm (1996a) aponta que o problema se encontra no nosso modo de pensar – o pensamento é um sistema e possui uma falha. Para esta falha sistêmica é necessário olhar com atenção para que possamos melhor entender nossos sentimentos, pensamentos e ações. Ele acredita que deve existir uma capacidade (percepção ou inteligência mais profunda), vinculada à atenção, através da qual, o nosso pensamento possa se tornar menos incoerente e mais hábil no sentido de evitar situações ameaçadoras/violentas, como as que vivenciamos atualmente no mundo. O sistema de pensamento, embora seja somente uma pequena parte da realidade, tem desenvolvido/acumulado falhas que interditam a construção humana.

Bohm (1996a) sugere que a propriocepção – essa inteligência mais profunda – do pensamento vem sendo inibida/impedida de ser desenvolvida, pois o pensamento tende a rejeitar/evitar estados dolorosos e, assim, processa



contra a nossa habilidade de perceber o todo. Tal comportamento é tão comum que passa despercebido, e é justamente nesse fato que reside a sua eficácia. Bohm (1996a) denomina tal forma de pensar de jogo falso. Jogamos falso quando assumimos idéias como garantidas e fixas e, assim, cristalizamos conhecimentos, ações, emoções para nos sentir seguros. O resultado disso é a fragmentação, pois negamos a realidade. O jogo livre é, então, a forma de pensar criativa que impede a fragmentação e possibilita a construção de novos caminhos, novas experiências, novas ordens, novas necessidades. Uma percepção criativa transforma velhos significados, tornando-os compreensíveis e possibilitando mudanças na sociedade como um todo, num movimento apropriado e coerente aos novos contextos que se constroem. Infelizmente, encontramos-nos em uma situação tão desestruturante, que se torna difícil, até mesmo dizer, que existem significados/sentidos para se compartilhar.

Deste modo, Bohm (1996b) propõe o diálogo – jogo livre do pensamento – como um instrumento valioso de entendimento das nossas formas de pensar e agir, e de correção da incoerência, tão presente, atualmente, nas nossas relações. Dialogar para Bohm (1996b) é, portanto, compor e partilhar significados, evidenciar coerência em busca de entendimentos mais profundos acerca da nossa realidade e de nós próprios. Ou seja, adotar atitudes e posturas atentas em relação ao processo do pensamento, de forma a permitir o surgimento de atos criativos pela percepção de novos significados. É, pois, um exercício de atenção para gerar entendimento. Algumas características compõem o diálogo, como o jogo criativo das idéias, o fluxo livre de significados entre as pessoas e a suspensão de pressupostos. Diálogo significa, enfim, uma busca de entendimento, e suspender nossos pressupostos significa escutar e assistir, observar, dar atenção ao processo real do pensamento e a ordem na qual ele ocorre, tentando perceber a sua incoerência, seus equívocos.

Para Freire (1999a) somente transformamos nossa realidade quando produzimos idéias e agimos. Entende idéias como ações que produzem novas idéias e novas ações. E, nesse movimento, a realidade é produzida e conhecida. Acredita que somos seres de relações que nos construímos historicamente em situação e, ao sermos desafiados por nossa própria situacionalidade, refletimos e atuamos/decidimos/problematizamos sobre ela. E, assim, tal reflexão é pensar a própria existência e suas condições, é ter consciência de que somos sujeitos transformadores de realidades e de que



tais realidades interferem nas nossas formas de pensar e agir, possibilitando embates/enfrentamentos que nos motivam e nos mobilizam ao encontro de novas/outras situações.

E, assim, construímos situações em situação, dialogando. Freire (1999b) se refere ao diálogo, como o *encontro dos homens no mundo para transformá-lo*. Entende o diálogo como pertencente à natureza histórica do ser humano, enquanto ser de comunicação. E a história humana é, dessa forma, produzida, dialogicamente, no movimento incessante de nossas atuações/ações. O crucial para Freire (1980) é estarmos cientes de nossa situação para atuarmos criticamente sobre ela – saber-se em situação, conscientizar-se.

Para Freire (1999b), portanto, o diálogo é a relação criativa dos sujeitos no mundo, produzindo sua história de forma consciente/crítica e, assim, construindo-se. É a construção humana – é libertador/conscientizador. Não há espaços impostos, mas há objetividade, motivos, desejos, intenções, sentidos e significados e, com isso, o diálogo é aberto e determinado também. É uma situação entre autoridade e liberdade. Não há relação de domínio, há somente sujeitos transformadores/pronunciadores do mundo. Quando esse movimento dialógico é impedido/negado por nossas relações antagônicas e incoerentes, nosso comportamento é a-histórico e gerador de situações fragmentárias, que podem dificultar as relações humanas/sociais.

Enfim, dialogar, na concepção de Freire (1999c), é assumir posturas mais críticas e conscientes da realidade e de nós próprios e poder problematizar nossos conhecimentos frente a esta realidade para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la – podemos nos distanciar dela (admirá-la/objetivá-la) e, por isso, agir conscientemente/historicamente sobre ela. E, nesse movimento, ao nos integrarmos contextualmente, refletimos sobre suas condições e enfrentamos suas dificuldades, criando e re-criando cultura, fazendo história. Implica “reconhecer-se homem. Homem que deve atuar, pensar, crescer, transformar e não adaptar-se fatalisticamente a uma realidade desumanizante” (FREIRE, 1999c, p. 60).

Mikhail Bakhtin (1988) entende as relações dialógicas como sendo amplas, heterogêneas e complexas porque são relações de sentido, tanto quando se referem aos enunciados de um dado diálogo específico, quanto em discursos de diversos autores criados em épocas/espacos diferentes. É estar em relação com o outro/com o mundo/conosco. Desta maneira, a fala,



as condições de comunicação e as estruturas sociais estarem profundamente vinculadas e, por isso, serem criações coletivas/culturais.

Para Bakhtin (1988), todos os discursos/textos encontram-se num embate fronteiro com outros discursos e podem se confrontar de diversas maneiras com seu objeto. Entre o falante/autor e o objeto existe uma infinidade de formas de pensar o mesmo tema. Cada falante/autor olha para seu objeto/tema de um lugar único e, por sua vez, o objeto está sempre mudando em função dos múltiplos olhares/vozes alheias. Ou seja, todas as construções humanas estão atravessadas por diversas idéias, apreciações, entonações, avaliações que estabelecem contornos/limites que as modificam de forma contínua. Encontramos, assim, sempre objetos/temas dialogicamente visitados/perturbados/tensos. E nosso discurso se construirá nesse embate complexo entrelaçado por discursos alheios, aproximando-se de alguns, distanciando-se de outros, tornando-se único e múltiplo, transformando e sendo transformado.

Desta forma, a partir dessa dialogia, Bakhtin (1988) constrói/busca uma síntese dialética de todas as vozes, ressaltando a relação entre o eu/eus e o outro/outros, e, neste sentido, discute/estuda o monólogo, o discurso interior, os gêneros do discurso. Sua compreensão de vida e de ser humano é, portanto, atravessada pelos conceitos de dialogia e de alteridade. A alteridade pressupõe a existência do outro e a dialogia é a relação entre o eu e o outro. Pontua que somos marcados pela alteridade porque somente através dela somos humanos – o outro me constitui enquanto sujeito. Deixa claro, entretanto, que nessa troca/relação não ocupamos o lugar do outro, uma vez que não há negação do eu e sim a sua construção. Numa dialogia, necessariamente, existem o eu e o outro – nenhum pode ser negado/ocultado/dominado. E, assim, na concepção de Bakhtin (1988), a vida é naturalmente dialógica, uma vez que não somos indiferentes ao mundo/aos outros/a nós mesmos. Confrontamo-nos, a todo instante, por meio de vozes, entoações, sistemas de crenças/valores, formas diferentes/semelhantes de pensar/sentir/conhecer/agir que silenciam/falam, concordam/discordam e estão sempre axiologicamente ligadas.

Bakhtin (1997) compreende o diálogo como uma necessidade humana. Dialogando nos construímos pela relação/confronto com o outro. Dessa relação/confronto, podemos construir consensos, situações harmoniosas e/ou criativas/originais, como podemos dominar/ocultar. É, pois, uma relação



de sentido, constituída/expressa por sujeitos reais. Exemplifica que dois enunciados, apesar de distantes no tempo/espço um do outro, podem se relacionar, dialogicamente, desde que haja convergência de sentido – como algo insignificante no tocante ao tema ou no sistema de crenças.

É importante lembrar que um encontro dialógico não significa fusão. É necessário haver mais de um sujeito (cultura/obra/autor) para existir encontro dialógico. Quando somos iguais somos apenas um. É esse, portanto, o sentido de dialogicidade para Bakhtin – eu existo quando me diferencio do outro, a partir do olhar do outro, mas não sou o outro e vice-versa. A dialogicidade só se dá entre sujeitos e sujeitos. Minha consciência é construída através dos outros, atravessada de seus valores, apreciações, entonações. Cada sujeito só pode existir, dialogicamente, numa relação tensa com o outro. Somos plenos somente em diálogo.

Portanto, compreender dialogicamente, para Bakhtin (1997), é também encontrar o novo, o desconhecido, é criação. Quando eu me encontro com o outro, eu o reconheço como outro, mas também levo minha história (valores, crenças, formas de pensar) no meu olhar. Eu posso olhar o outro de um lugar que ele não pode. Essa compreensão ativa é importante porque movimenta o que sou e também o que/quem vejo. Quando não encontramos o novo no encontro com o outro, significa não reconhecermos/anularmos o outro, só vemos a nós próprios, o já conhecido – então, estagnamos, interditamos nosso crescimento e começamos a produzir histórias fragmentadas e desprovidas de sentido.

Então, para Bakhtin (1997), o diálogo pode ser um monólogo ou uma polifonia. O monólogo é o diálogo que cala o outro, quando me excluo da relação e acho que posso olhar de forma impessoal para o outro; enquanto a polifonia, ao contrário, respeita a voz do outro. No diálogo polifônico há um encontro entre sujeitos. No monólogo a relação é de sujeito/objeto, onde não reconheço o outro, só a mim mesma; ou somente o outro e me anulo. A polifonia permite o movimento, dialogamos com o futuro. Na monologia não há reconhecimento do novo, o amanhã não existe. A polifonia é construída por sujeitos em interação, mobilizados por sentidos, criadores de sua história.

Bakhtin entende, enfim, que há um sentido/significado que atravessa os discursos, as vozes, as obras, os autores, as culturas, relacionando-os, dialogicamente, no tempo, no espaço e na história, no passado e no futuro.



Esse sentido constrói a universalidade de tudo que existe. Chama sentido “[...] ao que é resposta a uma pergunta. O que não responde a nenhuma pergunta carece de sentido” (BAKHTIN, 1997, p. 386).

Desta maneira, Bakhtin (1997) sinaliza que o sentido não existe sozinho – sempre se encontra numa situação dialógica. Como, também, uma relação dialógica não existe sem sentido. O sentido é unificador – universaliza. Em todas as épocas, questões são colocadas pelos seres humanos para se construírem e construírem o mundo e são respondidas quando fazem sentido/ganham significado. E, muitas vezes, o sentido para uma dada pergunta se encontra em épocas posteriores, continuando a ser resignificado através dos tempos. Ou seja, segue ao encontro de outros sentidos para estar sempre se atualizando, pois não existe isolado – não há um sentido em si. Portanto, os autores, as obras, os discursos, sejam eles científicos ou não, estão ligados pelo sentido, num contexto dialógico que abrange todos os tempos.

Portanto, Bohm, Freire e Bakhtin determinam/ressaltam pontos importantes que, em diálogo, são ampliados/re-significados, como também o entendimento de diálogo é alargado. Os três se compreendem, concordam de uma maneira geral, e se diferenciam em diversos pontos. Ou seja, conservam-se enquanto sujeitos singulares e, embora suas questões se encontrem, de forma ampliada, através do combate dialógico, não se fundem – não são iguais.

Bohm, Freire e Bakhtin pensam/olham o diálogo de lugares únicos, cada um trazendo nesse olhar suas histórias, suas crenças, seus desejos e sonhos. E essa troca dialógica vai ao encontro do novo, do desconhecido, da criação, e mobiliza sentidos. E é sempre um movimento inacabado porque há sempre ângulos que continuam ocultos à espera de um dia serem descobertos/acordados/construídos por outros olhares, que poderão vir de lugares/tempos distantes.

Tanto Bohm, como Freire e Bakhtin compreendem o diálogo como uma necessidade existencial humana – é o tecido humano genuíno. Viver é dialogar. Dialogar, para os três, é estabelecer sentidos/significados, é apontar saídas, é problematizar, é criar, é conscientizar. Contudo, cada um deles privilegia determinadas questões que lhes parecem ser mais importantes.

Bohm sinaliza a importância do exercício de suspensão de crenças para a efetivação do diálogo. Defende a idéia de que é preciso que nós nos distanciemos de nós próprios, ou seja, de nossas crenças, mas sem, no



entanto, negá-las. E, também, olhar para o outro dessa forma, distanciando-o de suas idéias/crenças/pressupostos. Entender que crenças/idéias são olhares, representações de partes da realidade – não constituem a realidade. A partir desse distanciamento necessário, sentidos/significados são trocados/ampliados/aprofundados, buscando novas idéias/caminhos/situações mais criativas que possibilitem prosseguimento à construção humana, a nossa forma de ser humana, que nos confortem a alma e o coração, que nos acalmem e nos motivem a ir adiante.

Por sua vez, Freire aponta a problematização e a conscientização como processos que se constroem pelo diálogo. Dialogar é ter consciência/saber-se em situação, no mundo e com o mundo – é tomar distância frente ao mundo (objetivá-lo) e, também, saber-se nele. Nesse processo de conscientização, posso atuar criticamente sobre a situação em que me encontro e reconstruí-la com mais sentido e coerência, posso me perceber melhor enquanto sujeito histórico, acomodando-me menos e transformando-me para ser mais. Não podemos agir no mundo sem nos sabermos no mundo. Esta é uma questão crucial para ele. Sem haver conscientização, nossas ações são sem sentido, pois não mobilizam, não são revolucionárias/libertadoras.

116 E Bakhtin ressalta o Outro na dialogicidade. Dialogar significa relacionar sentidos, ser construído como sujeito a partir do outro. Assim, numa dialogia, necessariamente, existem o eu e o outro – nenhum pode ser negado/ocultado/dominado. A compreensão do outro não é esquecer de mim – tal postura é limitada e equivocada, uma vez que a relação dialógica pressupõe pluralidade (eu/outro). É, pois, a partir do olhar do outro (daquele que não esquece que é outro) que sou mais pleno – os sentidos se tocam, superando as formas de ser isoladas. Ou seja, eu me diferencio do outro através do seu olhar. Deste modo, conscientizo-me pelo outro, com seus valores, entonações e apreciações. Trata-se de um movimento sempre inacabado/ambíguo/múltiplo/complexo porque há sempre ângulos que ficam ocultos, permitindo que outros continuem o diálogo.

Enfim, todas as formas pelas quais nos relacionamos e fazemos nossas trocas são constituídas/ligadas por sentidos que se encontram em movimento de construção permanente. Ao observarmos com atenção como e porque a sociedade atual interage, quase não encontramos sentido/significado em sua atividade. Nossas relações estão pobres, fragilizadas, sem essência. Daí a pertinência de estarmos cientes da dialogicidade da vida, em face de um



mundo ressentido de explicações científicas capazes de dar conta de seus problemas.

Quando *'suspendemos nossas crenças'* e ouvimos mais, tendemos a nos importar menos com nossas verdades/opiniões e olharmos com mais atenção/ciência/sentido ao mundo/realidade em nossa volta e, assim, *'conscientizarmo-nos'* de forma mais crítica/objetiva de nossas construções enquanto sujeitos históricos e, por fim, apreendermos que é na relação com o *outro* que está todo o sentido da existência humana. Somos plenos somente com os outros, na relação dialógica com todas as formas de vida. Esse é, portanto, o caminho apontado pelo diálogo, a partir do pensamento de Bohm, Paulo Freire e Bakhtin, para continuarmos nos construindo enquanto seres humanos.



## Referências

- BOHM, David. **Totalidade e a ordem implicada**. Tradução Marcos de Campos Silva. São Paulo: Cultrix, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Unfolding meaning: a weekend of dialogue**. London: Routledge, 1996a.
- \_\_\_\_\_. **On dialogue**. London: Routledge, 1996b.
- BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. **Questões de literatura e de estética – a teoria do romance**. Tradução Aurora Fornoni et al. São Paulo: UNESP, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Moraes, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999a.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999b.
- \_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1999c.

---

Ana Lúcia Assunção Aragão  
 Professora de Monografia do Departamento  
 e integrante da Linha de Pesquisa Estratégia de  
 Pensamento e Produção do Conhecimento do Programa  
 de Pós-Graduação em Educação da UFRN  
 End. Rua Bernardo da Motta, 3449, Candelária  
 Cep: 59065-720 – Natal/RN  
 E-mail: analucia@ufrnet.com.br

Almira Navarro  
 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN  
 End. Rua Major Paula Moreira, 680, Barro Vermelho  
 CEP: 59030-440  
 E-mail: almiranavarro@bol.com.br

---

Recebido 11 mar. 2004  
 Aceito 02 abr. 2004